



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 10, v. 1 nov.2018-abr. 2019

p. 343-372.

Bixa também pixa: a pixação gay nos banheiros masculinos como uma contestação do espaço heteronormativo

Vinícius Santos Almeida¹

RESUMO: Neste artigo, analisamos as inscrições nas paredes de cabines de banheiros públicos masculinos, que chamamos aqui de pixo. Em um primeiro momento, apresentamos um breve histórico da pixação e do grafite e o trabalho de artistas gays nesse meio. Em seguida, discutimos a arquitetura do banheiro público para apreender seus significados. A partir disso, discutimos o sexo entre homens que ocorre nos banheiros públicos, conhecido como 'banheirão'. Por fim, analisamos as pixações fotografadas entre os meses de janeiro e outubro de 2017 em banheiros públicos masculinos de São Paulo. Concluímos que, apesar de o banheiro público ser uma ferramenta de regulação e vigilância do gênero e da sexualidade, as pixações com conteúdo gay são produtoras de um discurso e uma materialidade que desafiam a premissa heterossexual desse espaço. Assim como os pixos, o sexo entre homens no banheiro é uma transgressão desse espaço regulador e produtor de identidades.

PALAVRAS-CHAVE: pixo; pixação; grafite; homossexualidade; espaço público.

Abstract: In this paper, we analyze the writings on the walls of male public bathrooms, which we refer here as 'pixo'. First, we present a brief history on *pixação* and graffiti and the work of gay artists. Then, we discuss public bathroom architecture to understand its meanings. From this, we discuss sex between men in public bathrooms. Finally, we analyze photos of *pixações* taken between January and October, 2017, in public bathrooms in São Paulo. We conclude that, though public bathroom is a tool to regulate and to keep gender and sexuality under surveillance, both, *pixações* with gay content and sex between men in the bathroom, are ways to transgress this regulatory space and produce identities.

Keywords: pixo; pixação; graffiti; homosexuality; public space.

Resumen: En este artículo, analizamos las escrituras en las paredes de baños públicos masculinos, los cuales llamamos aquí de 'pixo'. Primero, presentamos una breve historia sobre *pixação* y graffiti y el trabajo de artistas gays. Luego, discutimos la arquitectura del baño público para comprender su significado. A partir de esto, discutimos el sexo entre hombres en baños públicos. Finalmente, analizamos fotos de las *pixações* tomadas entre enero y octubre de 2017, en baños públicos en São Paulo. Concluimos que, aunque el baño público sea una herramienta para regular y mantener el género y la sexualidad bajo vigilancia, tanto las *pixações* con contenido gay como el sexo entre hombres son formas de transgredir este espacio regulador y de producir identidades.

Palabras clave: pixo; pixação; graffiti; homosexualidad; espacio publico.

¹ Bicha e mestrando em Geografia Humana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tem interesse pela relação do espaço urbano com as sexualidades e tenta representá-la em mapas sempre que possível. E-mail: vinicius.santos.almeida@usp.br

Recebido em 04/01/18

Aceito em 16/07/18

1. Introdução

Neste artigo, trabalharemos com as mensagens escritas nas paredes das cabines de banheiros públicos masculinos. Mais especificamente, interessam-nos aquelas que apresentam conteúdo gay e/ou homoerótico, como os convites para relações sexuais, conversas sobre sexo, ofensas homofóbicas e mensagens de ativistas.

Chamamos essas inscrições de pixo. Ao utilizar este termo, queremos criar uma provocação, porque consideramos que essas mensagens funcionam em uma lógica de sociabilidade e comunicação, além de terem, em certa medida, significados políticos, da mesma forma que as conhecidas pichações nos prédios e muros das grandes cidades. Na falta de referências em português sobre essa temática, colocamos alguns autores em diálogo para propor uma conceitualização sobre pixo gay.

Mostramos neste artigo que os pixos de banheiro são instrumentos de sociabilidade, de produção de gênero e sexualidade e de experimentação sexual. E, partindo de uma leitura geográfica, defendemos que eles são instrumentos de produção de significados espaciais.

Expomos um breve relato histórico da pichação com ch e da pixação com x e a relação da arte de rua feita por artistas gays. Em seguida, discutimos o banheiro enquanto um objeto de produção de gênero e refletimos sobre seu uso para a prática do ‘banheirão’ – sexo entre homens nos banheiros públicos. Por fim, analisamos algumas pixações coletadas em São Paulo, em 2017: na Universidade de São Paulo, no Terminal Rodoviário Parque Dom Pedro II e no Parque da Água Rasa. A escolha desses três lugares se deu para que pudéssemos verificar se existe diferença na forma e no conteúdo dos pixos encontrados em um local acadêmico, um ponto nodal de deslocamento urbano e um local de lazer.

2. As origens da pichação

Começamos elucidando um ponto importante neste trabalho: pichação é toda “intervenção visual não autorizada em propriedade pública ou privada” (FILARDO, 2015, p. 1). Veremos mais à frente como da pichação surgiram outras práticas, dentre elas, a pixação com x, o grafite, os lambe-lambes, etc.

No final da década de 1960, membros dos guetos dos bairros pobres de Nova Iorque começaram



a escrever e desenhar temas diversos na superfície externa dos vagões do metrô da cidade. Aos poucos, essa prática foi-se expandindo para outras grandes cidades dos EUA. Naquele país, esse movimento foi logo associado ao hip hop e a grupos étnicos segregados (FILARDO, 2015).

Concomitantemente, no Brasil, os primeiros escritos nos edifícios e muros datam de protestos contra a Ditadura Militar (1964-1985). Na década de 1970, ganham visibilidade as intervenções artísticas de rua não autorizadas, feitas por artistas com formação acadêmica. Dentre os precursores do que se chamava, na época, de grafite (tradução do termo em inglês *graffiti*, no qual estão agrupadas todas as intervenções visuais nos muros da cidade), chamamos a atenção para Hudinilson Jr. e Alex Vallauri. Estes dois, além do papel precursor na arte de rua, eram gays e a homossexualidade esteve presente nos temas de suas obras.

Hudinilson Urbano Junior (1957-2013) desde a década de 1970 realizava intervenções urbanas que abordavam temáticas da marginalização social. No início dos anos 1980, ele desenvolveu seus primeiros trabalhos com temática homoerótica. Um deles, bastante famoso, foi feito na Avenida Vieira de Carvalho, que na época já era um local de sociabilidade de gays e lésbicas (PERLONGHER, 1987). O desenho representava uma boca vermelha ao lado da frase “Ahhh! Beije-me” e tornou-se uma das marcas do artista, que expôs suas obras diversas vezes no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC) e em museus na Europa (ITAÚ CULTURAL, 2016).

Hudinilson, que também integrou o grupo 3NÓS3 com Mario Ramiro (1957) e Rafael França (1957-1991), trabalhou ao lado de Alex Vallauri (1947-1987), outro precursor do grafite no Brasil. Vallauri estudou gravura em Estocolmo, Suécia, conheceu Keith Haring, Jean Michel Basquiat e Andy Warhol em Nova Iorque, obteve grande prestígio com seu trabalho e montou exposições em diversas edições da Bienal Internacional de Arte de São Paulo no Museu de Arte Moderna (MAM-SP). Em 1978, Vallauri começou a desenhar uma bota de cano longo nos muros da cidade de São Paulo. Essa bota logo se tornou a figura completa de sua principal personagem, a Rainha do Frango Assado. Figuras como essas, *pin-ups* e outros elementos associados ao feminino compõem as obras do artista, assim como críticas à Ditadura Militar e pedidos de Diretas Já (ITAÚ CULTURAL, 2017; MARTÍ, 2013).

Há uma mudança significativa na pichação a partir dos anos 1980. A primeira pichação em São Paulo pautada exclusivamente na caligrafia e que se localizava fora do discurso político ou cujo autor não era um artista com formação acadêmica dizia “CÃO FILA K26”, e era de autoria de Antenor Lara Campos Filho, apelidado de Tozinho, proprietário de um canil que divulgou seu



empreendimento por todo o município por meio de tal prática (BERTONI, 2012).

Lassala (2012) nos conta que, em 1980, Juneca, aproveitando restos de tinta, começou a escrever seu nome em muros ao acaso. A adrenalina, o vício e o anonimato estimulou a prática, que ganhou parceria: Pessoinha. Dividindo a cidade em duas zonas, eles escreveram sua assinatura “Juneca Pessoinha”, com o objetivo de lazer e aventura, além de intervir na paisagem urbana.

espaço é o que não faltava para a dupla e, se opondo às pichações de cunho político, a contravenção despreziosa e destituída de ideologia tornou a ação uma busca incessante por espaços de boa visibilidade, lugares mais afastados e escondidos e até lugares inusitados, como uma rua sem saída ou uma casa isolada numa estrada para o interior de São Paulo, suscitando a ideia de que eles estavam por toda parte (LASSALA, 2012).

A “contravenção despreziosa e destituída de ideologia” caracteriza uma revolução no movimento da pichação, que deu início às manifestações visuais conhecidas atualmente como pixo, com x. Pixo ou pixação são assinaturas de indivíduos ou grupos, também chamadas de *tags*, em referência ao movimento similar na Nova Iorque dos anos 1980. De acordo com Filardo (2015, p. 4), essa nova escrita caracteriza-se não pela assinatura pessoal, mas por uma “*tag* estilizada, que pode remeter tanto a um indivíduo quanto a um grupo”. Essa estilização foi inspirada nos logotipos de bandas de heavy metal, como Iron Maiden e Judas Priest, e popularizada por jovens dos movimentos punk, hardcore, heavy metal, entre outros, em geral, moradores das periferias de São Paulo.

Isso não significa que todos os pixos não tenham conteúdo político. No entanto, sem apelo político explícito, eles se caracterizam por uma *tag* constituída, em geral, por um ícone pictórico, que identifica o grupo ao qual pertence o pixador, também pelo nome do grupo em uma caligrafia própria, pelas informações de proveniência do pixador (região onde mora) e o ano de realização do pixo (FILARDO, 2015). Esse modelo existe até os dias atuais e, diferente das pichações dos anos 1960, a pixação não se pretende comunicável para toda a sociedade. O alfabeto estilizado, os codinomes dos grupos, a não-exposição dos pixadores tornam essa prática anônima para muitos e inteligível apenas por aqueles que estão inseridos no meio.

Ao mesmo tempo em que é anônimo para a sociedade em geral, o pixo é visível. É na incompreensão e na visibilidade que ele se sustenta. Os pixadores são, quase sempre, provenientes das áreas pobres da cidade, de áreas postas à margem na acessibilidade de recursos; seus problemas e sua condição os tornam invisíveis para a sociedade e é por meio da pixação que eles encontram um significado, uma válvula de escape, uma forma de dar sentido à vida (FILARDO, 2015).



A proposta dos pixadores é espalhar suas *tags* pela cidade, percorrendo as extensões territoriais do urbano e até mesmo os seus ligamentos (rodovias) com outras cidades. Quanto maior o número de pixos, quanto mais longe do local de origem do pixador e quanto mais difícil o acesso ao local, mais prestígio seu autor tem entre seus parceiros.

No documentário PIXO (OLIVEIRA; WAINER, 2010), Cripta Djan, ex-pixador paulistano que atualmente registra as ações de outros pixadores, relembra os maiores nomes e feitos do movimento: #DI#, TCHENTCHO e XUI chegaram em pontos altos dos Edifícios Itália, Copan, Obelisco, Planalto, dentre outros. #DI# é considerado um dos maiores nomes porque deixou sua assinatura em um dos edifícios mais cobiçados pelos pixadores: o Conjunto Nacional, na Avenida Paulista. Como parte de sua intervenção, divulgou seu trabalho ligando para um jornal, passando-se por um morador indignado, denunciando a pixação e trazendo repercussão para seu feito.

De acordo com Filardo (2015), no Brasil, o termo pixação acabou sendo consagrado para designar as intervenções não autorizadas, como o pixo reto (*tag*), assinaturas monocromáticas e feitas com traços retos ou simples, e o *bomb* (*grapixo*, *throw up*), peças mais elaboradas, com cores e contornos. O termo grafite é utilizado para intervenções com maior preocupação estética (cores, contornos, ilustrações). Os materiais e técnicas mais utilizados na pixação e no grafite são tinta spray, tinta látex, canetão, *stencil* e lambe-lambe.

Os *points* – encontros de pixadores no centro de São Paulo – e as festas exclusivas são locais de socialização de pixadores e admiradores. No documentário PIXO (OLIVEIRA; ROBERTO, 2010), Carol, pixadora do grupo SUSTO'S, afirma que seu espaço de lazer se limita aos *points* e às festas de pixação, pois é onde encontra outros pixadores de diferentes lugares da cidade. Essa fala nos sugere que o que cria significado espacial para os pixadores é o pixo, ele é o que dá identidade às ruas da cidade. As linguagens, as práticas e as representações criadas por esse grupo sustentam a ideia de um espaço pertencente a eles – os muros e paredes de prédios – e que, por eles, é defendido e valorizado.

A identidade atribuída às ruas e edifícios compõe o capital espacial dos pixadores e caracteriza sua identidade espacial (LUSSAULT, 2003). Entendemos por capital espacial o acúmulo de experiências e fontes espaciais de um ator social, “permitindo que este ator, em função de sua estratégia, tire vantagem do uso da dimensão espacial da sociedade” para se articular no espaço (LÉVY, 2003, p. 124-126). Em outras palavras, cada vez mais rico quanto mais experiências espaciais.



Essa construção de significados é a construção de espaços em meio a outros. O espaço da reprodução social é transgredido ao receber uma intervenção que desafia suas normas, como uma intervenção visual que não corresponde às intervenções nos museus e galerias. E é na transgressão que a pixação se realiza: seu objetivo é criar espaço para aqueles que não o têm.

3. Arte de rua gay

Em São Paulo, a pixação está mais relacionada com moradores de bairros pobres, que utilizam materiais mais baratos e racionalizam os gastos. Em geral, os pixadores são homens jovens, mas isso tem mudado aos poucos, com a inserção de mulheres nesses espaços. Por outro lado, não se sabe da existência de algum grupo formado apenas por pessoas LGBT (FRANCO, 2009). No grafite, encontra-se mais pessoas das classes médias, até mesmo porque o material utilizado (latas de tinta spray e acrílica em diversas cores) não é barato.

o investimento plástico [do grafite] é maior, e são acolhidos pela sociedade por sua dimensão decorativa. De modo correlato a este aporte, ocorre uma diversidade formal maior do que a que se passa na pixação. A liberdade para fazer-se um grafite é muito maior, e o espaço que o grafite paulistano ocupou na cena internacional deu-se justamente pelas possibilidades de experimentação e assimilação iconográfica que efetivou (FRANCO, 2009, p. 23).

A origem das inscrições de temática gay nos muros da cidade de São Paulo remonta aos anos 1980, com os trabalhos de Hudinilson Jr. e Alex Vallauri, como já falamos. Hoje em dia, Rafael Suriani é um dos artistas que trabalha a temática *queer*² na arte de rua. Formado em Arquitetura, Suriani viajou à Paris para continuar seus estudos e estava na França na época em que se iniciaram os movimentos e passeatas populares contra a aprovação do casamento homossexual. Em 2014, como forma de enfrentar o conservadorismo, viver e criar a cidade sob uma ótica positiva, Suriani utilizou a ideia de hibridez, presente em seus trabalhos artísticos anteriores, para discutir as nuances de feminilidade e masculinidade, estampando as ruas de Paris e São Paulo com imagens de *drag queens*³. Sua biografia em seu site diz que essas representações de *drag queens* são “uma manifestação da

² *Queer* é um termo de língua inglesa, usado originalmente como uma ofensa às pessoas não heterossexuais e fora das normas de gênero. Nos anos 1990, o termo foi apropriado e ressignificado pelo movimento LGBT como um termo identitário. Também remonta à Teoria *Queer*, um campo de estudos científicos que coloca a sexualidade e o gênero como categorias analíticas centrais. Aqui, quando usado, refere-se às ideias de Shabbar (2016) ou a contextos específicos e significa um termo guarda-chuva para todo o espectro sexual e de gênero fora dos padrões normativos das sociedades ocidentais, muito mais complexo que a sigla LGBT.

³ Homens, e por vezes, mulheres, que interpretam uma personagem de mulher extravagante, a fim de criar uma caricatura feminina e colocar em evidência que a feminilidade (e a masculinidade) é uma construção social.



necessidade de empoderamento das comunidades *queer* urbanas contemporâneas”. (SURIANI ART, s.d.)

Homo Riot é outra referência na arte de rua gay. Ele trabalha com lambe-lambes, adesivos, *stencils*, tinta spray e pinceis para espalhar imagens do amor gay pelas ruas de Los Angeles. Seu início na arte de rua aconteceu em razão da aprovação da Proposição 8, uma proposta de lei que proibia o casamento entre pessoas do mesmo sexo no estado da Califórnia, EUA. Colocada em votação em referendo, a Lei de Proteção ao Matrimônio na Califórnia foi aprovada por 54% da população daquele estado em novembro de 2008. Homo Riot, enfurecido com a aprovação, saiu às ruas reproduzindo imagens do amor gay. A raiva logo transformou-se em uma forma de ativismo, como ele mesmo afirma:

O ímpeto para o corpo deste trabalho foi a aprovação da Proposição 8 na Califórnia em 2008. Eu fui às ruas com uma mensagem agressiva de raiva e anarquia para falar diretamente com a população de Los Angeles, colando imagens de homossexuais e do “amor homossexual” em prédios abandonados, caixas de serviços e locais de construção em toda a cidade. Inicialmente, isso significou um “foda-se” para o público geral por não apoiar nossos direitos, mas rapidamente se tornou uma mensagem de positividade e apoio para a comunidade LGBTQ [Q refere-se a *queer*]. Meu objetivo era contribuir para o debate em torno dos direitos e do orgulho gay e expandir as ideias sobre o que significa ser gay (HOMO RIOT, s.d.).

Em 2012, a Proposição 8 recebeu o veredito de inconstitucional de acordo com a legislação do estado da Califórnia. No entanto, ainda hoje, Homo Riot sai às ruas para fazer suas intervenções. A reação da população, por vezes, é arrancar e depredar os cartazes e *stencils* que mostram homens com maquiagem de palhaço no olho se beijando ou *seminus*. Ainda assim, em uma entrevista, o artista afirma:

Somos [os LGBTQ] o saco de pancada favorito de todo mundo. Eu quero que as pessoas saibam que ainda estamos por aí. Não estamos apenas em Glee [seriado de televisão com personagens gays e bissexuais] e na Bravo [canal de televisão nos EUA]. Eu quero fazer com que as pessoas gays se sintam empoderadas quando olharem para o meu trabalho na rua. Eu espero que elas sintam orgulho (MCDONALD, 2011).

Não seria justo não citar um dos maiores nomes da arte de rua, Keith Haring (1958-1990), que ficou famoso por seus desenhos lúdicos, de traços firmes, feitos com material simples nas mais diversas superfícies, principalmente no metrô e em muros de edifícios nas ruas de Nova Iorque nos anos 1980. O que talvez não seja óbvio na arte de Haring é a sua crítica à homofobia e à reprodução



de estereótipos de gênero entre os próprios gays. Um de seus personagens mais reproduzidos se chama *One Man*. Este personagem é representado com várias cópias na mesma imagem, todos se tocando, remetendo a orgias gays. Espalhados nos lugares onde estavam os bares frequentados por homens gays brancos de classe média, em geral, reprodutores de uma masculinidade exacerbada, a intenção de Haring era dizer que estes homens eram ‘cópias’ uns dos outros, que reproduziam valores e comportamentos assimilacionistas à heterossexualidade, enquanto outras pessoas *queer* ficavam à margem da respeitabilidade social, por serem bichas efeminadas, lésbicas masculinas, transgêneros, enfim, pessoas fora de uma normatividade construída em torno da sexualidade e do gênero, a heteronormatividade⁴. Ao mesmo tempo, essa coletividade do *One Man* expressa a ideia de que todos são iguais, no final das contas.

4. Pensando o espaço (generificado e sexualizado) do banheiro público

As pixações estudadas aqui são feitas nas cabines dos banheiros públicos masculinos. Antes de discuti-las, consideramos importante o exercício de desconstruir o significado da arquitetura do banheiro público, tão naturalizada no imaginário social. De acordo com o senso comum, o banheiro é o espaço da intimidade, da privacidade, aquele do uso discreto para as necessidades biológicas, mas para além disso, o banheiro é um instrumento pelo qual a binaridade de gênero é (re)produzida.

Os banheiros públicos existem há milênios, porém, seu uso só foi popularizado no século XIX, pela burguesia, nas grandes cidades da Europa daquele período, como parte da gestão sanitária do planejamento urbano. Até então, eram espaços para se banhar, urinar e defecar. No final do século XIX e início do século XX, os banheiros tornaram-se um instrumento de vigilância de gênero (PRECIADO, 2012).

Não é casual que a nova disciplina fecal imposta pela nascente burguesia ao final do século XIX seja contemporânea do estabelecimento de novos códigos conjugais e domésticos que exigem a redefinição espacial dos gêneros e que serão cúmplices da normalização da heterossexualidade e da patologização da homossexualidade (PRECIADO, 2012, s.n.).

Preciado (2012) ainda nos diz que, desde o século XIX, o que mais importa ao entrar em um

⁴ Entendemos a heteronormatividade como o conjunto de instrumentos políticos, legais, culturais, religiosos, de organização do território, representados pelo Estado, pela Igreja e por outras instituições e indivíduos, usados para definir um modelo sexual, pautado na heterossexualidade, e de gênero, pautado na cisgeneridade (ver próxima nota) e está intrinsecamente ligado às outras formas de poder e dominação: o patriarcado, o racismo e a xenofobia (BORRILLO, [2000] 2010; LORDE, 2009).



banheiro público não é o que se faz lá dentro, mas o gênero das pessoas, identificado logo na entrada com signos que designam masculino e feminino. Os inspetores do gênero são os próprios usuários do banheiro que, ao encontrarem-se na presença de alguém que foge dos modelos mulher-feminilidade e homem-masculinidade sentem-se incomodados, ofendem, agredem, procuram a segurança e exigem a retirada daquele sujeito ‘estranho’ do local.

Um dos medos das mulheres nos banheiros femininos é sofrer algum tipo de assédio ou abuso sexual no caso da presença de um homem no local. Os banheiros femininos tornam-se um espaço seguro – ou menos perigoso – para essas mulheres, já que o uso é exclusivo delas. Mas essa situação é frágil: o medo da figura masculina baseia-se, pelo menos em um primeiro momento, na ideia de masculinidade, que pode ser lida também em mulheres (em roupas, em cortes de cabelo, no caminhar etc.). Também é importante dizer que, em geral, essas mulheres são pessoas cisgêneras⁵ e a feminilidade de mulheres trans também pode ser motivo para desconforto. Vemos que a ideia de segurança, no exemplo acima, está atrelada a normas de gênero e pode levar ao preconceito às mulheres trans ou masculinas, por associá-las à figura do homem.

Os banheiros constituem um dos lugares de prazer e dor *queer*. Ao mesmo tempo em que servem para as transgressoras práticas sexuais anônimas entre homens, pessoas transgênero sofrem diversos tipos de violência neles, como ofensas verbais, ataques físicos ou mesmo o impedimento de utilizá-los (SHABBAR, 2016). Herman (2013) nos fala que entre pessoas transgênero, problemas de bexiga são uma das consequências mais comuns em razão da continência urinária por longos períodos, pelo impedimento de usar banheiros públicos. Além disso, problemas nos rins, outras infecções e problemas emocionais, como o estresse, surgem nesse contexto.

De acordo com Preciado (2012), a vigilância de gênero nos banheiros femininos se dá pelo espelho, usado para retocar algo na aparência e também saber quem entra naquele espaço. A feminilidade é reproduzida dentro do banheiro público sob uma lógica que esconde todas as funções fisiológicas da mulher no espaço privado de uma cabine. Esta é uma extensão do espaço doméstico no espaço público. Esconde-se a nudez do corpo, a forma e a cor das defecações (apesar de ser impossível não compartilhar cheiros e sons), a fim de manter a privacidade do corpo e da intimidade encontrada no lar.

⁵ Pessoas que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído no momento do nascimento, a partir da construção dos significados: pênis = homem e vagina = mulher.



Parte do espaço destinado às pias e espelhos nos banheiros femininos é reservada aos mictórios nos banheiros masculinos. Há também cabines privadas, mas, em geral, estas são em número menor e/ou menos usadas. Ambos os objetos reproduzem masculinidade: nos mictórios o protagonista é o falo, exposto publicamente, criador de uma sociabilidade em torno da relação homem-masculinidade-pênis-mijar em pé; por sua vez, as cabines expressam o medo e a tensão homoerótica, uma vez que servem para esconder o ato da defecação, onde o ânus, um orifício potencialmente passível de penetração, prática associada à homossexualidade, torna-se o protagonista. (PRECIADO, 2012)

Maia (2012) afirma que a explicação dicotômica dada por Preciado (2012) acerca da arquitetura dos banheiros masculinos é insuficiente para explicar a realidade. Para este autor, tanto os mictórios quanto as cabines privativas são espaços onde as relações sexuais entre homens podem ocorrer e, em ambos, laços de sociabilidade podem ser criados.

Ao estudar as mensagens nas portas dos banheiros masculinos, Maia (2012) identifica as cabines como objetos produtores de masculinidade, por serem locais de difusão de discursos por meio dos pixos. O autor (2012, p. 32-33) dá exemplos de mensagens, por vezes respondidas, com conteúdo homofóbico: “VIADOS UMA PRAGA!!!” e “NÃO GOSTAMOS DE GAY PORRAAAA!!! Só de cuzinho de meninas”. Estas, por vezes, são relacionadas a algum conteúdo religioso: “Deus criou o macho e a fêmea. Se você sente atração por pessoas do mesmo sexo que o seu [homem com homem] pois estamos no banheiro masculino [macho], CERTAMENTE, você tem um problema”.

Maia (2012, p. 34-35) também observou diálogos sexuais entre homens que, em geral, validam a norma heterossexual ao buscarem apenas parceiros que se enquadram em comportamentos e estéticas masculinas: “Quero comer cu de viado. xxxx@hotmail.com” sugere um distanciamento entre o viado, que desempenha o papel do passivo, e do outro (não-viado, macho) que desempenha o papel do ativo; “Quero um broder malhadinho, gostoso, bonito, super ativo e com um pau bem grosso. Sou bonito, gostoso, malhado (corpo bem definido – surfista). Deixa algum recado aí véi”, indica o desejo pautado por elementos masculinos e viris, associados à heterossexualidade masculina; “Não afem. gosta de chupa (sic) pica. Lig xxxx xxxx. 16.09”; “Procuro rapazes não afeminados, discretos, que estejam afim (sic) de algo legal... xxxx@bol.com.br”. Os dois últimos rejeitam a figura do homem efeminado, associada ao homem gay (mais especificamente, à figura da bicha) considerado inferior e menos desejável que o homem viril.



O segredo e as práticas sexuais entre homens que se consideram heterossexuais também figuram como conteúdo dessas mensagens. Para Maia (2012), o desejo gay, que antes estava à margem da normalidade social, hoje se adequa às lógicas da heteronormatividade ao reproduzir valores masculinistas.

5. 'Banheirão' – interação sexual entre homens no banheiro público

A possibilidade de sexo no banheiro público existe, ainda mais em banheiros masculinos, caracterizado como um ambiente de tensão sexual somada ao anonimato (SHABBAR, 2016). O sexo gay em espaços públicos desterritorializa os limites entre o público e o privado. Limites esses que definem o sexo como possível apenas na privacidade. A procriação, a família e o casamento heterossexual entram em conflito com o sexo no espaço público (BERLANT; WARNER, 1998). É um processo de produção social e espacial constituído pelo deslocamento de convenções sociais e pela destruição e criação de espaços, sexualidades e subjetividades.

Souza (2012), ao estudar alguns banheiros públicos da área central de Salvador, Bahia, nos mostra que o sexo entre homens nesses espaços (masturbação, voyeurismo, sexo oral e sexo anal), é realizado, em geral, por sujeitos que fogem ao modelo do indivíduo gay que vai a clubes e bares LGBT. Muitos homens casados frequentam esses locais porque não podem ir a clubes e correrem o risco de serem 'descobertos' por conhecidos. Também, muito dos praticantes não correspondem aos padrões estéticos hegemônicos: são gordos, efeminados, negros, mais velhos. Pastores evangélicos e trabalhadores de áreas também são frequentadores.

O 'banheirão', termo pelo qual a prática é conhecida, parece ser, em comparação aos bares e boates gays, um pouco mais aberto à diversidade estética. No entanto, a heteronormatividade ainda tem grande influência nas regras de atração: os homens mais cobiçados no 'banheirão' são aqueles que performam masculinidade. Aqueles que não o fazem, são valorizados apenas se se encaixam em algum estereótipo desejado, em geral, preconceituoso: por exemplo, a ideia do homem negro com pênis grande.

Trevisan ([1986] 2000), ao falar da constituição do que chama de identidade homossexual, aponta às práticas sexuais entre homens nos banheiros públicos como um elemento constituidor dessa identidade. Por meio da citação que se segue, podemos interpretar os comportamentos heteronormativos como um meio para garantir um afastamento em relação à homossexualidade e a manutenção de uma figura máscula e heterossexual:



E eu pergunto, diante das evidências: acaso não seriam homossexuais as relações eróticas comprováveis, durante o dia ou à noite, em grande parte dos nossos banheiros públicos (masculinos), onde os machos ostentam entre si ereções (e iniciativas libidinosas) tão fáceis e fartas quanto sua mesma capacidade em, fora dali, vangloriar-se das conquistas femininas? (TREVISAN, [1986] 2000, p. 41).

De acordo com Souza (2012), é mais comum que o ‘banheirão’ se concretize em banheiros da região central das cidades, em razão do maior fluxo de pessoas. Distantes de seus bairros e da família, esses homens podem gozar do anonimato para manter relações sexuais e socializar entre si.

A vigilância de gênero é um imperativo nos banheiros masculinos, como já apontamos acima. Souza (2012) apresenta relatos de vigilantes que fazem rondas nos banheiros em busca de homens se relacionando e, ao encontrá-los, cometem agressões físicas e verbais, ameaças, chantagens em troca de dinheiro para não contar aos conhecidos e familiares sobre o que faziam quando abordados. Alguns chegam até a registrar ocorrência na delegacia.

A Fig. 1 apresenta um mapa-modelo em anamorfose da espacialidade do ‘banheirão’ no município de São Paulo. Em outras palavras, um mapa no qual os dados foram aplicados no fundo territorial, a fim de mostrar o peso espacial do fenômeno. A metodologia utilizada está explicada na imagem. Os endereços mapeados (GUIA GAY BRASIL, [2012]) dizem respeito não apenas a banheiros públicos, mas a parques, praças, saunas, cinemas pornô e outros locais que contêm banheiros e são frequentados por homens com o objetivo de manterem relações sexuais e anônimas entre si.



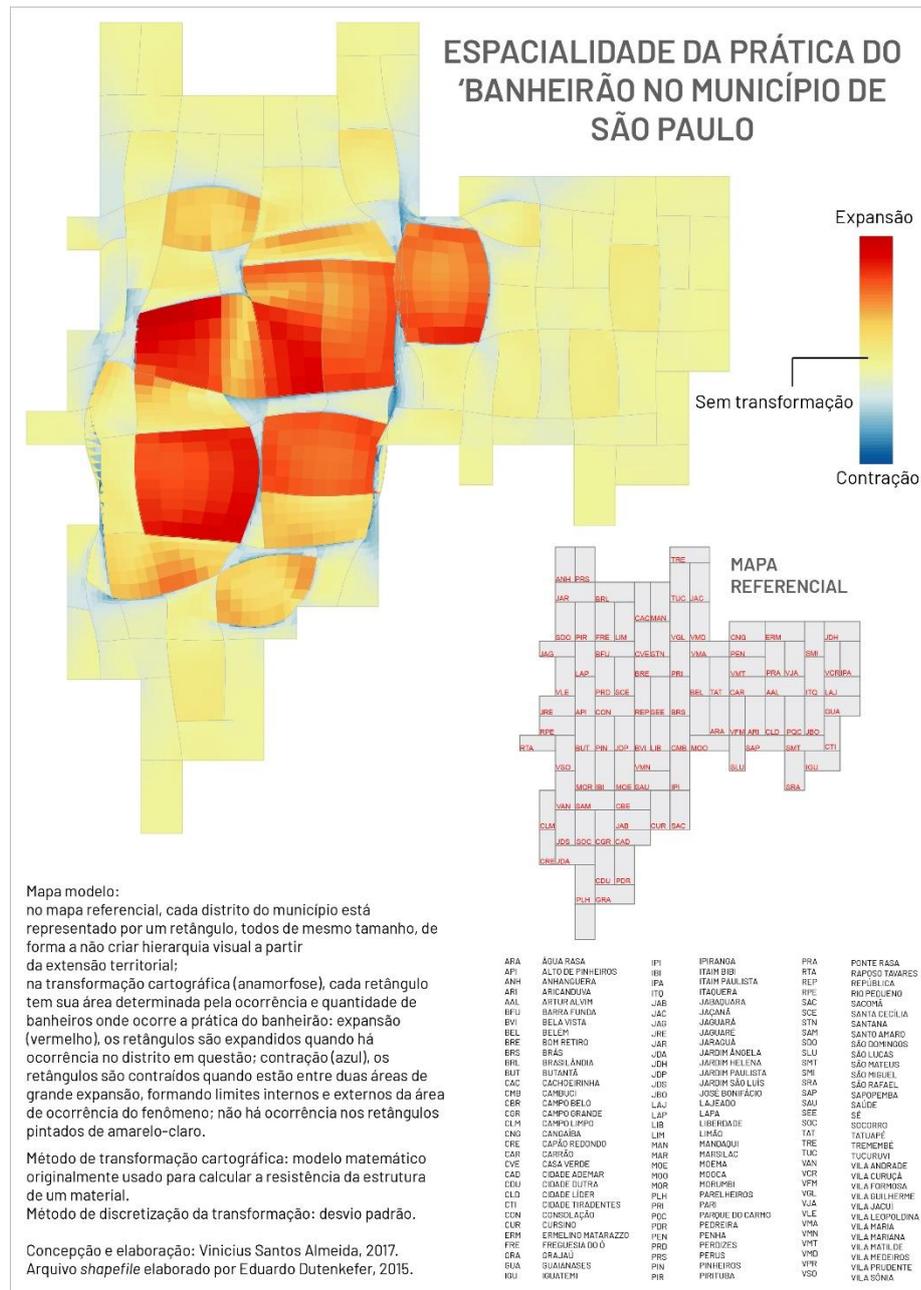


Fig. 1 – Mapa-modelo em anamorfose: Espacialidade da prática do 'banheirão' no município de São Paulo. Elaborado pelo autor.

Vemos que há três grandes focos de ocorrência do fenômeno (áreas expandidas [em vermelho] separadas pelas áreas contraídas [em azul]). A região central, com muitos equipamentos de uso diverso, chegando até o bairro do Tatuapé, em razão dos shoppings é um deles. O distrito do Itaim Bibi é outro foco, em razão das estações de trem, shoppings, mercado e parque – Santo Amaro e Pinheiros são áreas no entorno com menor ocorrência. E a Vila Mariana, com shopping, estações de metrô, espaços de lazer, especialmente o Parque do Ibirapuera, conhecido por ser um local de encontro entre homens. Mais a sul, o Jabaquara é um foco isolado, com ocorrência menos expressiva. O mapa nos mostra que existe uma espacialização do fenômeno por toda a área central do município



e em menor proporção para áreas mais distantes das zonas oeste, sul e leste, sustentando a afirmação de Sousa (2012), de que é mais comum que o ‘banheirão’ ocorra em banheiros da região central (ou centralidades, no nosso caso) das cidades, em razão do maior fluxo de pessoas e da distância em relação à residência.

6. Pixo no banheiro

Soldatenko (2013), observando os contextos nos quais se desenvolvem os movimentos de arte de rua nos EUA, define todas as intervenções gráficas de rua como grafite (*graffiti*). Para ele, seria possível pensar em uma hierarquia de eficácia política do grafite, determinada pela repercussão da mensagem, e não pelas intenções do artista em si, já que, segundo este autor, o grafite não é necessariamente político desde o momento de sua elaboração. Sua ideia é que o grafite se torna político. O que o autor propõe é olhar para essa dimensão do grafite a fim de mudar a nossa percepção sobre ele: de um objeto de arte/expressão de uma ideia individual para uma visão de mundo que cria e comunica.

Para construir essa hierarquia, Soldatenko (2013) divide o grafite em três tipos: (1) grafite de banheiro [*restroom graffiti*]; (2) *graffiti tagging*, peças mais elaboradas que inscrições em banheiros e menos elaboradas que grafites imagéticos (algo próximo do pixo reto de São Paulo); e (3) arte de rua [*street art*], que seria toda forma de grafite consagrada nos últimos anos como arte. Na escala de eficácia política, o ‘grafite de banheiro’ seria o menos eficaz, enquanto a arte de rua seria a mais potente.

Para Soldatenko (2013), apenas a arte de rua pode ser considerada um tipo de expressão artística, porque só ela levanta questões políticas que questionam e provocam o espectador. Ele dá o exemplo do artista Banksy, que retrata situações que questionam cenários e ideias políticas e que tem grande visibilidade. Além disso, a arte de rua seria, para ele, a única forma de grafite que mantém uma rede de contatos e influência, fazendo seu criador sair de seu mundo particular e expandir uma mensagem a fim de mudar a sociedade.

Ao comparar as ideias de Soldatenko (2013) com as de Franco (2009), vemos que algumas não entram em acordo. Provavelmente porque, como Franco mesmo afirma, o grafite e a pixação no Brasil têm suas particularidades.

Veremos que não há uma rede ou grupo organizado para a criação das mensagens que



encontramos nos banheiros, portanto, estas não seriam pixações no ‘sentido clássico’. Por sua vez, usar a ideia de ‘grafite de banheiro’, de acordo com a elaboração teórica de Soldatenko (2013), implicaria em assumirmos que estes não têm tanto poder comunicativo nem político, o que é exatamente o oposto do que estamos defendendo. Insistimos que essas inscrições são pixos *sui generis* e propomos evidenciar seu significado político.

As redes de contato dos pixos de banheiro certamente não funcionam como as redes de contato dos pixadores das ruas: no banheiro, ninguém quer ser identificado. Não se realizam festas para trocar informações sobre os pixos de banheiro. Mas as mensagens deixadas nas paredes das cabines recebem respostas, os números de telefone deixados recebem ligações e mensagens. Logo em frente às cabines (ou dentro delas), interações sexuais entre sujeitos se materializam – alguns frequentam sempre os mesmos banheiros e se conhecem de vista ou de foda, outros estão apenas de passagem. Todos estão inseridos em uma potencial rede de sociabilidade, efetivada nas interações sexuais e nas respostas aos pixos.

Green (2003) analisou as mensagens escritas em banheiros e cabines de estudo em uma universidade nos EUA e chegou à conclusão de que política e sexo são os temas mais comuns nesses locais. O autor também encontrou mais mensagens românticas nos banheiros femininos e mais mensagens eróticas nos banheiros masculinos.

Os banheiros masculinos apresentaram mais mensagens racistas e termos ofensivos. Das 268 inscrições, 11,9% continham insultos, 9,3% falavam de política, 7,1% eram mensagens racistas. As discussões e descrições de relações sexuais somavam 3%, enquanto que mensagens com conteúdo gay e convites sexuais somavam 11,9% do total de inscrições. Outros temas que apareciam com certa frequência eram humor (10,8%), temas relacionados aos cursos universitários (7,5%) e esportes (2,2%). (GREEN, 2003, p. 289)

Na amostra de 189 inscrições nos banheiros femininos, a discussão sobre os corpos era feita com a informação do peso e altura, enquanto que nos banheiros masculinos, a informação sobre os corpos limitava-se ao tamanho do pênis. Os temas sexuais entre mulheres eram, em geral, conselhos sobre sexo, enquanto os homens faziam convites sexuais para outros homens. (GREEN, 2003, p. 290).

A fim de discutir a relação entre as pixações gays, a produção de subjetividades e a materialidade do espaço, nós defendemos que a pixação nas paredes dos banheiros oferecem material para reflexão e



transformação do espaço público, sendo, portanto, uma ferramenta de análise social. Assim, concordamos com Shabbar (2016) quando ela afirma, logo no título de seu artigo, que *Queer Bathroom Graffiti Matters* [O grafite *queer* dos banheiros importa, em tradução livre].

Shabbar (2016) considera que a pixação *queer* (abrindo o leque de interlocutores, não apenas gays) nos banheiros é constituída por mais do que apenas as inscrições nas paredes. A arquitetura do banheiro (divisão binária de gênero, cabines privadas, mictórios), os materiais usados para escrever nas paredes, as práticas discursivas das mensagens, os corpos que ocupam esse espaço resultam em fenômenos entrelaçados que, na “intra-ação” (SHABBAR, 2016, s.n.) dão de cara com configurações convencionais do espaço-tempo e, com isso, rompem com a ideia de um objeto/sujeito coerente e bem delimitado, como prevê a normalidade heterossexual.

A noção de intra-ações usada por Shabbar vem de Karen Barad e refere-se a agenciamentos entrelaçados, reconhecendo que a materialidade dos fenômenos

não precede às interações, mas, em vez disso, emerge nas ‘intra-ações’ com outras materialidades não distintas. Enquanto a noção comum de interação assume um encontro entre entidades independentes, a noção de intra-ação enfatiza que entidades se materializam nas intra-ações [nos processos] (SHABBAR, 2016).

As mensagens escritas, quando entram em contato com um produto de limpeza, podem (quase) desaparecer, criando espaço para sobreposições, respostas, novas inscrições. Esse aspecto de bagunça e sujeira dos escritos nas paredes, quando exposto à atmosfera comunal dos banheiros, uma arquitetura de exclusão de gênero, desafia a homofobia e a transfobia constituidoras desses espaços, porque além de subjetivamente fazer presente o *queer* em um espaço heteronormativo, os pixos, mais do que um objeto fixo, produzem a materialidade do fenômeno. Em outras palavras, o pixo *queer* é a produção de *queerness*, é transgredir a norma sexual e de gênero, é ‘transviadecer’ o espaço público.

Esse ato de produção do *queer* é constitutivamente performativo. Brown (2000) afirma que os lugares onde a homossexualidade deve ser escondida, porque não é bem-vinda, também constituem um lugar importante na rede de interações espaciais dos sujeitos. Ainda segundo o autor, interações, chamadas aqui de espacialidades (LUSSAULT, 2003a) estão localizadas, produzem espaços e distâncias as mais diversas e estão em interação – são materialidades geográficas.

Para Butler ([1993] 2002), a performatividade é a citação repetida de uma norma, que



inclusive a reforça, e não o simples produto de uma escolha. Assim, apesar de construir sexualidades e gêneros não-normativos, o pixo gay reitera e cita a heteronormatividade, ao mesmo tempo em que o confronta – reconhece a sua posição marginalizada e se faz visível. Por isso, consideramos de extremo valor quando Shabbar (2016) diz que a importância do pixo não está em ser auto-representativo ou performativamente constituído, mas, sim, em estar envolvido no processo material-discursivo da sexualidade e do gênero.

7. Análise de pichações

Fotografamos pichações em banheiros públicos masculinos entre janeiro e outubro de 2017 e apresentamos aqueles que resumem os conteúdos gays encontrados. A análise levou em conta o conteúdo do pixo, alguns indícios sobre a autoria e as respostas a eles. Nosso objetivo era verificar o conteúdo dos pixos. Ao escolhermos os locais para fotografar, decidimos por três locais distintos, o que nos permitiria verificar também as diferenças e semelhanças dos pixos em locais de usos diferentes. São eles:

1. Banheiros da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Faculdade de Educação e do restaurante universitário (Complexo das Químicas) da Universidade de São Paulo (USP), campus Butantã. Primeiro, por ser um lugar de produção do conhecimento científico, inclusive sobre gênero e sexualidade. Segundo, pela repercussão na mídia das pichações com mensagens preconceituosas em portas de banheiros de diversas universidades no Brasil;
2. Banheiro do Parque da Água Branca, no distrito da Barra Funda, escolhido por ser um instrumento de lazer; e
3. Banheiro do terminal Parque Dom Pedro II, localizado na região central, ponto nodal no deslocamento na cidade, com grande fluxo de pessoas todos os dias.

A Fig. 2 apresenta uma pichação encontrada no banheiro masculino de um restaurante universitário da USP, frequentado por estudantes de diversos cursos em dois horários (tarde e noite), quando o restaurante oferece serviço. O banheiro em questão é individual, constituído por duas áreas: uma com pia e espelho e outra com sanitário em uma cabine privativa – não há mictórios. O pixo foi escrito com um tipo de caneta esferográfica no lado interno da porta da cabine. A tinta já está bem clara, provavelmente porque já foram feitas algumas tentativas para apagar a mensagem.

A frase continua presente e seu conteúdo é bem explícito: “Todo preto viado colabora com o genocídio da raça preta”. A homossexualidade de um homem negro é colocada como um



potencializador da violência racista, de forma a culpabilizar o sujeito gay e negro por ela. Esse argumento se aproxima das declarações homofóbicas de líderes africanos, refletidas em falas de alguns ativistas negros, que definem a homossexualidade como um comportamento burguês, europeu e colonizador (VEJA, 2014; G1, 2015)⁶. De fato, a homossexualidade é uma ficção política europeia, assim como o é a heterossexualidade, e o desejo entre indivíduos do mesmo sexo é o que menos a define, mas principalmente as suas relações de poder e o regime de verdade no qual está inserida (PRECIADO, 2018). Para esses líderes e ativistas, o desejo entre homens não existiu em suas culturas antes da colonização.



Fig. 2 – Pixo homofóbico em banheiro do restaurante universitário da USP. Fonte: autor, 2017.

Falamos acima das mensagens agressivas encontradas nos banheiros por Maia (2012) e elas não são fenômenos isolados. Frequentemente encontra-se ofensas homofóbicas (racistas e misóginas também) na mesma parede onde foram feitos convites sexuais. Alguns casos são noticiados, principalmente aqueles que ocorrem em banheiros de universidades (MARTINS, 2017; G1, 2017; BARBOSA, 2015).

A seguir, vemos na Fig. 3, dois pixos que contrastam com o pixo apresentado acima. Do lado esquerdo, a mensagem “Eu respeito gay people” nos indica que foi escrito por uma pessoa

⁶ O presidente de Uganda, Yoweri Museveni, é um desses líderes. O país é um dos países africanos que punem a homossexualidade com prisão perpétua, de acordo com o relatório da *International Lesbian and Gay Association* [Associação Internacional de Gays e Lésbicas – ILGA, na sigla em inglês] (CARROLL; MENDOS, 2017).



não-gay como forma de apoio aos homossexuais. Na imagem à direita, há um diálogo entre duas pessoas sobre o *reality show* estadunidense *Ru Paul's Drag Race*, que tem pessoas LGBT como grande parte de seu público. Ambos os pixos se destacam por terem cores fortes no meio dos outros já desgastados pelo tempo e limpeza: a primeira mensagem do diálogo sobre o *reality show* (“Quem vai ganhar RPDR All Stars 2?”), além de ter sido escrito com uma caneta de tinta rosa, propõe iniciar uma conversa. Com letra menor e mais discreta, seguem-se respostas sobre quem ganharia o concurso.



Fig. 3 – Pixos que fazem referência ao respeito e à cultura gay em banheiro do prédio de Ciências Sociais e Filosofia da FFLCH-USP. Fonte: autor, 2017.

Uma das cabines do prédio do curso de Ciências Sociais da USP nos surpreendeu. Encontramos pixos em francês e árabe, além de códigos de comunas francesas localizadas nas periferias de Paris, com grande número de imigrantes africanos (La Courneuve, Aubervilliers, Sevran). Também há referência a um movimento da moda francesa de 100 anos atrás reinventado por pessoas negras. A presença desses pixos por si só já é um tema interessante para discussão, pois traz à luz realidades topograficamente distantes. A visibilidade é um dos objetivos, se não o maior, já que eles foram escritos com letras grandes e espalhados por toda a cabine. A autoria é desconhecida, mas pelos detalhes das mensagens, provavelmente foi feito por uma ou mais pessoas provenientes dessas comunas.

Na mesma parede, como podemos ver ainda na Fig. 4, há inscrições explicitamente políticas, como “antissemita \neq antisionista” e o diálogo “Free Palestine [mensagem inicial] ← Boycott Israhell⁷ [resposta]” (Libertem a Palestina [...] ← Boicote Israel, em tradução livre). Há, logo abaixo dessas mensagens, outras duas também de cunho político. A primeira é uma referência ao movimento antifascista anarco-*queer* (vertente anarquista formada por pessoas LGBT/*queer*), acompanhado da

⁷ Há um trocadilho com as palavras Israel e inferno, *hell*, em inglês.



frase “Põe a cara no sol, mona!”, incentivando à visibilidade. Abaixo, observamos uma mensagem de reverência à Revolta de Stonewall, de 1969, marco importante na história dos direitos LGBT. Estes últimos dois pixos foram feitos raspando a superfície de madeira da cabine e preenchendo os espaços raspados com tinta de caneta, garantindo maior durabilidade do escrito.



Fig. 4 – Pixos de estrangeiros e anarco-queer (detalhe à direita) em banheiro do prédio de Ciências Sociais da FFLCH-USP. Fonte: autor, 2017.

Vemos, na Fig. 5, pixações que expõem homofobia. A pixação à esquerda, em cima, foi encontrada na mesma parede da pixação à direita – inclusive, as mensagens em ambas são aparentemente da mesma pessoa, a julgar pela caligrafia. A primeira imagem nos apresenta uma resposta à frase “Resistir ao heteropatriarcado”. A pessoa que respondeu à mensagem propõe outra resistência: “Resistir àqueles que pensam que a heterossexualidade faz parte do passado”. Observada em conjunto com a outra pixação na mesma parede (“Não vou xupar (sic) um rapaz para provar que não sou homofóbico”), vemos que há uma confusão sobre o que é a homofobia e uma distorção do significado da mensagem inicial de resistência. Pensamos que a presença de pixações com conteúdo gay foi percebida como um ataque à ordem heterossexual do banheiro masculino e, por consequência, um ataque à pessoa que escreveu a segunda mensagem. O primeiro pixo é, portanto, destituído de seu sentido original e a atenção volta-se para uma vitimização heterossexual.

À esquerda, embaixo, na mesma figura, vemos uma provocação aos privilégios de homens brancos, heterossexuais e cisgêneros (“Ei, homem hétero cis branco, já lavou sua louça hoje?”), a qual foi respondida com outra provocação (“Preto lava + louça?” e “Lavei a louça e comi uma buceta, mona. 13/03”). A primeira resposta nos sugere que a pessoa que a escreveu não acredita no privilégio exposto na mensagem inicial. Já a segunda, procura destituir de valor a provocação sobre o privilégio exaltando a heterossexualidade ao relatar um ato sexual e supondo que o pixo inicial foi escrito por um homem gay, ao utilizar o termo ‘mona’.





Fig. 5 – Pixo em banheiro do prédio do curso de Ciências Sociais da FFLCH-USP. Fonte: autor, 2017.

Na Fig. 6, vemos uma manifestação contrária ao casamento gay em um banheiro da Faculdade de Educação da USP. Na mesma cabine, foi anexado um cartaz com instruções para manutenção da limpeza do local. A mensagem “Gays com filhos? Não! Jamais!” foi feita a lápis no cartaz de papel sulfite. Pouco mais de uma semana depois, encontramos a parte com a mensagem homofóbica rasgada, deixando o cartaz apenas com a mensagem sobre a limpeza. Foram verificadas mensagens contra o casamento e a adoção gay nessa mesma cabine e em outras do mesmo prédio.



Fig. 6 – Pixação contra o casamento gay em banheiro da Faculdade de Educação da USP. Fonte: autor, 2017.

Fotografamos algumas pixações nas paredes internas das cabines do banheiro masculino do terminal de ônibus Parque Dom Pedro II, localizado na região central de São Paulo. O terminal é um nó na rede de deslocamentos no município. Ao entrar no banheiro e esperar uma vaga em uma cabine,



observamos olhares e gestos, como carícias com a mão no pênis sobre a calça e olhares curiosos, por parte de alguns usuários que também esperavam por uma cabine vazia. O local é propício para investidas sexuais, já que se localiza no corredor oposto aos mictórios e lavatórios, separados por uma parede, mantendo as cabines escondidas do olhar dos outros usuários.

A primeira pixação que nos chamou a atenção (Fig. 7) é uma mensagem que faz apologia à volta do governo militar no Brasil. Logo percebemos que havia outras mensagens com a mesma temática e a mesma caligrafia espalhadas pelas paredes da cabine. Ao lado delas, encontram-se convites sexuais com números de telefone, *tags* e outras pixações, o que caracteriza aquele lugar como uma tensão de ideias diferentes. A resposta a uma mensagem que dizia “Chupo Pau. Whats xxxxx-xxxx” sugeria que o autor era nordestino, baseado unicamente na expressão do desejo gay.

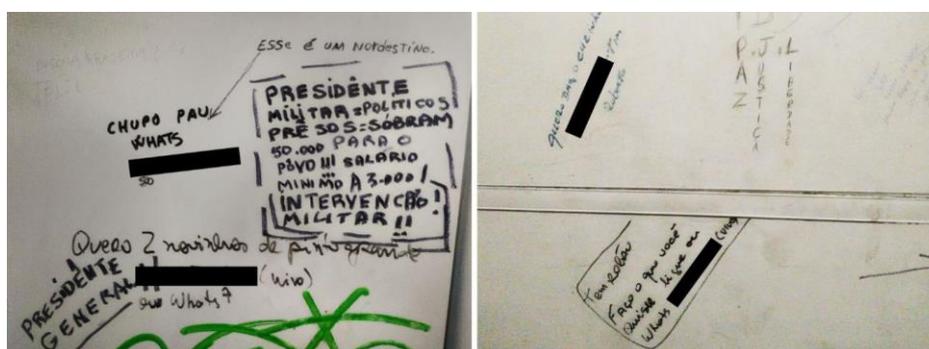


Fig. 7 – Anúncios sexuais ao lado de mensagens sobre intervenção militar (à esquerda); Convites sexuais (à direita). Banheiro da estação de ônibus Parque D. Pedro, região central de São Paulo. Fonte: autor, 2017.

No banheiro do Parque da Água Rasa encontramos uma cabine com a parte interna da porta quase sem espaço para novas pixações, cheia de mensagens feitas com diversos tipos de canetas, algumas quase apagadas, tamanha a quantidade dos pixos já existentes (Fig. 8). Encontramos convites sexuais simples, textos mais elaborados e mensagens de ódio. “80 por cento dos viados é nordestino”, diz um dos pixos, que nos remete ao preconceito à população nordestina. Em outra pichação logo acima, “Somos do nordeste e não gostamos de lixo nortista. PCC⁸ já mataram (sic) vários no Maranhão e aqui também”. Esta mensagem deixa explícito o ódio que um grupo de nordestinos sente por nortistas e faz alusão à chacina ocorrida em um presídio no começo de 2017 no estado do Maranhão.

⁸ Primeiro Comando da Capital, organização criminosa presente em todo o território brasileiro e em alguns países vizinhos.



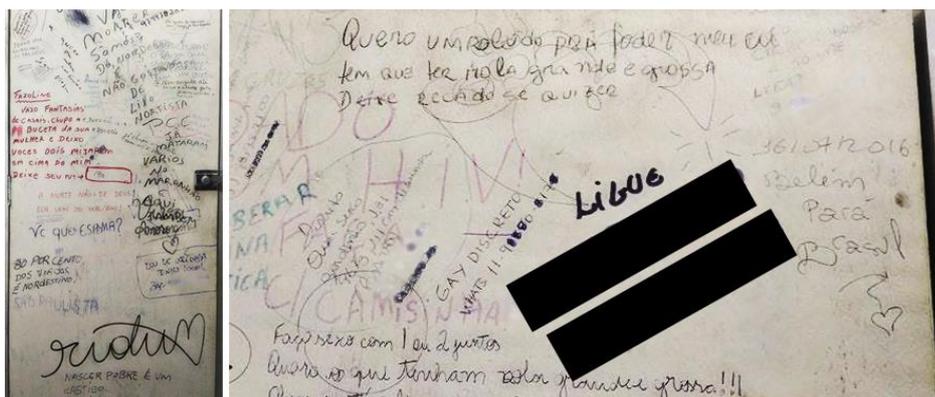


Fig. 8 – Porta da cabine de um dos banheiros do Parque da Água Rasa, na Barra Funda; detalhe com convites com (à direita). Fonte: autor, 2017.

A procura pelo modelo de masculinidade valorizado pela sociedade ocidental é observada em diversos convites sexuais (“Gay Discreto Whats xxxxx-xxxx”, “Quero um roludo para foder meu cu. Tem que ter rola grande e grossa. Deixe recado se quiser (sic)”, “Discreto quer sexo [...]”, “Faço sexo com 1 ou 2 juntos. Quero os que tenham rola grande e grossa!!!”), também encontrados no banheiro do Terminal Parque Dom Pedro II (“Quero 2 novinhos de pinto grande [...]”, “Tem rolão[?] Faço o que você quiser. Ligue ou whats xxxxx-xxxx (vivo)”). Ao mesmo tempo, os convites que valorizam aspectos femininos remetem à dicotomia já bastante discutida na literatura brasileira (PERLONGHER, 1987; TREVISAN, [1986] 2000) sobre as relações entre homens: macho-ativo (heterossexual) e fêmea-passivo (homossexual). Ambos os casos reproduzem o modelo das relações heterossexuais nas relações homossexuais.

A discrição e o anonimato, características dos banheiros públicos, permitem a prática do banheirão. A relação sexual em um local tão público só pode acontecer caso sua existência se restrinja àquele local e àquele momento (SOUZA, 2012). A convivência à regra do segredo por parte de homens gays e bissexuais assumidos que transam com outros homens não-assumidos, curiosos ou heterossexuais, por um lado, reforça a organização masculinista e heteronormativa, por outro lado, funciona como uma forma de transgressão da norma sexual, ao resultar em algo marginalizado, materializado em um local que ele não deveria estar: o sexo entre homens. A pixação encontrada no banheiro do prédio de História e Geografia da USP (Fig. 9), exemplifica esse tipo de situação.





Fig. 9 – Dentre várias pixações, lê-se “Vamo faze banheiro? Héteros, eu sei guarda segredo!” (sic). FFLCH-USP.
Fonte: autor, 2017.

Algum tempo depois do aparecimento desse pixo, foi deixada uma resposta: “Só hétero?”. Isso indica uma contestação ao desejo heteronormativo, à busca pelo parceiro sexual que se assemelhe ao macho viril em detrimento de parceiros fora desse perfil.

Em um dos vestiários do Centro de Práticas Esportivas da USP encontramos uma pixação (Fig. 10) feita com corretivo líquido na porta de uma das cabines. O escrito não é um convite sexual ou uma mensagem explicitamente política, apenas diz “sexo entre homens”. Ao escrever sobre a prática, aquele espaço é atribuído de conteúdo erótico que o ressignifica.



Fig. 10 – Pixação em cabine do vestiário do Centro de Práticas Esportivas da USP. Fonte: autor, 2017.

Por fim, apresentamos mais duas imagens. A primeira (Fig. 11), não fala sobre homossexualidade, mas sobre identidade de gênero. Entendemos que se trata de uma resposta a um comentário. Segue a transcrição: “Quem quer comer bucinha de homem? [mensagem inicial]”. “Respeitem os T caralho! Eu não to aqui pra ser comido por ninguém, muito menos um babaca igual você. E eu não tenho uma bucinha. Eu tenho uma bucetona [resposta]”. A resposta provavelmente foi escrita por um homem transexual que se sentiu ofendido com a fetichização do corpo de homens trans por homens cisgêneros.

A Fig. 12 é uma fotografia da porta de um dos banheiros masculinos da FFLCH-USP. A Faculdade em questão colou um adesivo na porta de todos os banheiros, masculinos e femininos, com uma mensagem de apoio ao uso do banheiro de acordo com a identidade de gênero das pessoas. Na verdade, esse uso está respaldado por uma resolução do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, da Secretaria de Direitos Humanos (BRASIL, 2015). É importante dizer que essa foi uma pauta dos movimentos trans, em razão dos casos de violência física. Nos banheiros femininos das USP é comum encontrar pixos de cunho transfóbico, contra a presença de pessoas trans nesses espaços.



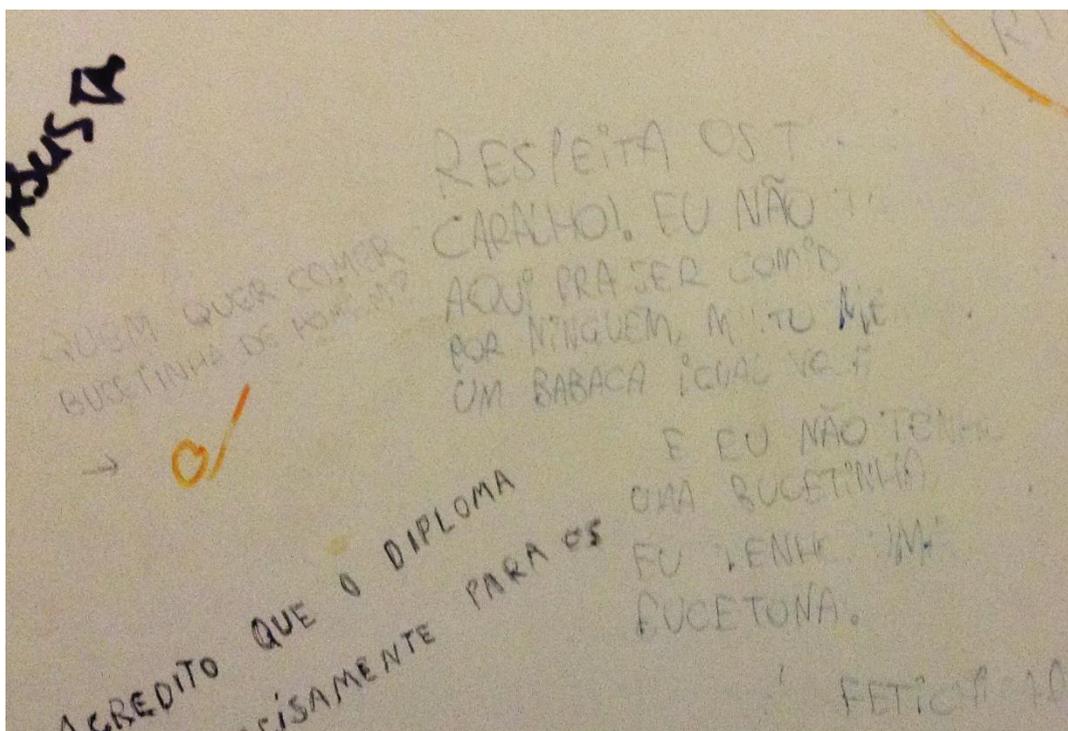


Fig. 11 – Pixação com mensagens sobre fetichização do corpo de homens transexuais. Banheiro do prédio do curso de Ciências Sociais da USP. Fonte: autor, 2017



Fig. 12 – Adesivo colado nas portas de todos os banheiros, masculinos e femininos, da FFLCH-USP. Fonte: autor, 2017.



O respeito à identidade de gênero e a segurança das pessoas trans e todas aquelas fora dos padrões cis-heteronormativos é construído com muito mais do que isso. No entanto, essas ações se tornam significativas quando olhamos para narrativas que nos mostram que as pessoas trans ainda são excluídas dos espaços formais de educação (BENTO, [2008] 2012).

8. Conclusão

Os pixos encontrados nos banheiros universitários apresentam conteúdos diferentes daqueles encontrados nos banheiros do Parque da Água Branca e do Terminal Parque Dom Pedro II. Nos banheiros universitários, foram encontradas mensagens (explicitamente) políticas, em referência aos movimentos LGBT ao lado de contestações sobre a heteronormatividade, o sexismo e a transfobia. Vimos também mais respostas aos pixos do que nos outros locais.

Os convites sexuais estão presentes em todos os banheiros, mas naqueles do parque e do terminal de ônibus, eles constituem o conteúdo principal das pixações. Inclusive, nesses locais, a prática do ‘banheirão’ pareceu acontecer com maior ocorrência e/ou mais explicitamente. Suspeitamos que seja pelo grande fluxo de pessoas nesses locais em grande parte dos horários de funcionamento.

Não podemos negar o caráter político e transformador que o pixo nos banheiros tem. Sejam pixações homofóbicas, transfóbicas ou racistas, sejam convites sexuais, a sexualidade e o gênero acabam por fazer parte de um espaço no qual eles são limitados, vigiados e até excluídos. O mesmo espaço arquitetado para vigiar o gênero, extinguir a tensão do sexo entre homens, esconder as mulheres em cabines e exaltar o falo exposto publicamente no mictório, torna-se um espaço marcado pela presença de foadas anônimas entre bichas, machos – por vezes, heterossexuais –, decididos e curiosos. Torna-se também um espaço ocupado por pessoas transgênero, mesmo que com maior vigilância e violência. Mais do que presentes nas paredes das cabines, as relações criadas a partir das mensagens e do sexo na frente do mictório transgridem os propósitos da arquitetura do banheiro. A prática do ‘banheirão’ é beneficiada por um ambiente visual e discursivamente sexualizado.

Apesar de que a busca por parceiros aconteça por perfis heteronormativos, se considerarmos que na sociedade brasileira o sexo gay é um tabu, mais ainda o sexo gay no espaço público, ele ainda aparece como um elemento de resistência. Inclusive porque para muitos dos frequentadores do ‘banheirão’, esse seja um dos únicos espaços, se não o único, no qual podem expressar seus desejos.



O pixo gay é político tanto em sua forma – a escrita não autorizada –, quanto em seu conteúdo – a representação e repercussão de sua mensagem. O pixo gay nos banheiros têm um sujeito, um público e um propósito definidos. Ele pode não reivindicar explicitamente um espaço, mas ao se constituir enquanto uma realidade subjetiva e material, não apenas conquista, mas produz espaço.

Referências

- BARBOSA, Anne. *Pichação racista é encontrada em banheiro do Mackenzie em SP*. G1, São Paulo, 7 out 2015. Disponível em: <<https://glo.bo/1Li8JGo>>. Acesso em 30 nov 2017.
- BENTO, Berenice. *O que é transexualidade?*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. Sex in public. *Critical inquiry*, v. 24, n. 2, p. 547-566, 1998.
- BERTONI, Estevão. *Antenor de Lara Campos Filho (1924-2012) – pichou ‘CÃO FILA K26’ pelo país*. Folha de São Paulo, Digital, 5 mai. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2JVAskp>>. Acesso em 25 jul 2018.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. História e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Conselho Nacional de Combate à Discriminação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015. Estabelece parâmetros para a garantia de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais nos sistemas de ensino. *Diário Oficial da União*, 12 de março de 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/1zVef91>>. Acesso em 31 jul 2018.
- BROWN, Michael. *Closet space. Geographies of metaphor from the body to the globe*. Nova Iorque: Routledge, 2000.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARROLL, Aengus; MENDOS, Lucas Ramón (Orgs.). *Homofobia de Estado: estudio jurídico mundial sobre la orientación sexual en el derecho: criminalización, protección y reconocimiento*. Genebra: ILGA, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/1Wn4wrH>>. Acesso em 24 set 2017.
- FILARDO, Pedro Rangel. *A pichação (tags) em São Paulo: dinâmicas dos agentes e do espaço*. 2015. Dissertação (Mestrado em Habitat), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- FRANCO, Sergio Miguel. *Iconografias da metrópole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo*. 2009. Dissertação (Mestrado em Projeto, Espaço e Cultura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- G1. *Pichação homofóbica é encontrada em banheiro do Mackenzie em SP*. G1, São Paulo, 19 nov. 2015. Disponível em: <<https://glo.bo/2RDGW9S>>. Acesso em 30 nov 2017.
- G1. *Alunos denunciam pichações homofóbicas e machistas na Universidade Mackenzie*. G1, São Paulo, 23 fev. 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/2ASQJDt>>. Acesso em 30 nov 2017.
- GREEN, James. The Writing on the Stall. *Journal Of Language And Social Psychology*, [s.l.], v. 22, n. 3, p.282-296, set. 2003.
- GUIA GAY BRASIL. *O guia completo da paquera, azaração, pegação e sacanagem para gays, bi e curiosos*. [s.l.], [2012]. Disponível em: <<https://bit.ly/2ASZCNw>>. Acesso em 30 nov 2017.



- HERMAN, Jody L. Gendered restrooms and minority stress: the public regulation of gender and its impact on transgender people's lives. *Journal of Public Management and Social Policy* [online], n. 19, v. 1, p. 65-80, 2013.
- HERRING, Scott. Keith Haring and Queer Xerography. *Public Culture*, n. 19, v. 2, p. 329-348. 2007.
- HOMO RIOT. *About*. s.d. Disponível em: <<http://www.homoriot.com/about/>>. Acesso em 22 set 2017.
- ITAÚ CULTURAL. *Hudinilson Jr.* Disponível em: <<https://bit.ly/2FclszR>>. Última atualização: 14 jun. 2016. Acesso em 22 set 2017.
- ITAÚ CULTURAL. *Alex Vallauri.* Disponível em: <<https://bit.ly/2FlglyG>>. Última atualização: 23 fev. 2017. Acesso em 22 set 2017.
- LASSALA, Gustavo. O que a pixação tem a dizer. *Drops*, São Paulo, n. 075.02, 2013.
- LÉVY, Jacques. Capital spatial. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Orgs.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003.
- LORDE, Audre. There is no hierarchy of oppression. In: BYRD, Rudolph P.; COLE, Johnnetta Betsch; GUY-SHEFTALL, Beverly (Eds.). *I am your sister*. Collected and unpublished writings of Audre Lorde. Nova Iorque: Oxford University Press, 2009.
- LUSSAULT, Michel. Identité spatial. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Orgs.). *Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003.
- LUSSAULT, Michel. Spatialité. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Orgs.). *Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003a.
- MAIA, Helder Thiago Cordeiro. Acorda Alice, aluga um filme pornô - uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 3, n.1, p. 30-36, 2012.
- MARTÍ, Silas. *Pioneiro do grafite e da arte pop no país, Alex Vallauri ganha mostra no MAM*. Folha de São Paulo, Online, 16 abril 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2PiCMI4>>. Acesso em 29 jul 2018.
- MARTINS, Felipe. *Aluno denuncia pichação homofóbica em banheiro da Universidade Federal do Amazonas*. Os Entendidos - Fórum, 12 jan. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2JPOfIS>>. Acesso em 1 dez 2017.
- MCDONALD, Patrick Range. *Street art: 'Homo Riot' angers homophobes and empowers gays with righteous art*. LA WEEKLY, [s.l.], 1 nov. 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2zzyYay>>. Acesso em 22 set 2017.
- OLIVEIRA, Roberto T.; WAINER, João. *PIXO*. 2010. Documentário. Disponível em: <<https://vimeo.com/29691112>>. Acesso em 1 dez 2017.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê*. Prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PRECIADO, Paul B. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- PRECIADO, Paul B. Basura y género. Mear/cagar. Masculino/femenino. *Parole de queer*, [online], v. 2. 2009.
- SHABBAR, Andie Elizabeth. Queer bathroom graffiti matters: agential realism and affective temporalities. *Rhizomes*, n. 30, p. s.n., 2016.
- SOLDATENKO, Gabriel. The politics of writing on walls. *Rhizomes*, n. 25, p. s.n., 2013.
- SOUZA, Tedson da Silva. *Fazer banheiro: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e adjacências*. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. 2012.
- SURIANI ART. *About Suriani Art*. s.d. Disponível em: <<http://www.suriani-art.com/>>. Acesso em 22 set 2017.



TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VEJA. *Após assinar lei antigay, presidente de Uganda diz que homossexuais são “nojentos”*. VEJA [online], 25 fev. 2014. Disponível em: <<https://abr.ai/2RDICQI>>. Acesso em 30 nov 2017.

